

Curricularização da extensão universitária: ensaiar (e produzir) um curso de extensão na pandemia

Adriana Mabel Fresquetⁱ

Leonardo Cesar Alves Moreiraⁱⁱ

Marlon Silva Oliveira Fazoloⁱⁱⁱ

Resumo

O artigo apresenta uma cartografia do curso de extensão universitária virtual, realizado pelo Programa de Extensão, durante a pandemia de covid-19. No isolamento social, o uso de tecnologias digitais se expande como alternativa possível para a continuidade da vida. Na educação, somos desafiados a reinventar as práticas a adaptá-las à nova realidade, ponto de partida para esta investigação. Ao relacionar curricularização da extensão universitária e tecnologias digitais, procuramos, inicialmente, situar os rumos do trabalho pedagógico no campo, por uma análise documental. Em seguida, situamos a abordagem teórico-metodológica como produção inventiva da pesquisa pelo método da cartografia, ao explorar o campo da pesquisa de forma aberta e sem foco. E que culmina nos materiais de investigação e reflexões desta experiência como produção no campo curricular.

Palavras-chave: curricularização da extensão universitária; cinema e educação; tecnologias digitais; pandemia; curso de extensão.

*University extension curriculum:
rehearsing (and producing) an extension course in the pandemic*

Abstract

The article presents a cartography of the virtual university extension course, conducted by the Extension Program, during the Covid-19 pandemic. In social isolation, the use of digital technologies expands as a possible alternative for the continuity of life. In education we are challenged to reinvent practices and adapt them to the new reality, the starting point for this research. By relating - curricularization of University Extension and digital technologies - we initially sought to situate the directions of pedagogical work in the field, when performing a documentary analysis. Next, we situate the theoretical-methodological approach as an inventive production of research by the cartography method, by exploring the field of research openly and without focus. And that

ⁱ Doutora em Ciências Psicopedagógicas pela Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación da Pontificia Universidade Católica Argentina. Professora Associada IV da Faculdade de Educação da UFRJ. E-mail: adrianafresquet@gmail.com - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4223-8204>.

ⁱⁱ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ). Professor substituto no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRJ. E-mail: leeomoreira7@gmail.com - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0378-4448>.

ⁱⁱⁱ Graduando em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE-UFRJ). Atuou como bolsista de Iniciação Científica com financiamento da FAPERJ entre 2022 e 2024. E-mail: marlonfazolo@ufrj.br - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8351-8002>.

culminates in the research materials and reflections of this experience as production in the curricular field.

Keywords: curricularization of university extension; cinema and education; digital technologies; extension course.

*Currículo de extensión universitaria:
ensayar (y producir) un curso de extensión en la pandemia*

Resumen

El artículo presenta una cartografía del curso virtual de extensión universitaria, realizado por el Programa de Extensión, durante la pandemia de Covid-19. En el aislamiento social, el uso de las tecnologías digitales se expande como una posible alternativa para la continuidad de la vida. En educación tenemos el reto de reinventar las prácticas y adaptarlas a la nueva realidad, punto de partida de esta investigación. Al relacionar - curricularización de la Extensión Universitaria y las tecnologías digitales - inicialmente buscamos situar las direcciones del trabajo pedagógico en el campo al realizar un análisis documental. A continuación, situamos el enfoque teórico-metodológico como producción inventiva de la investigación por el método de la cartografía, explorando el campo de la investigación abiertamente y sin enfoque. Y eso culmina en los materiales de investigación y reflexiones de esta experiencia como producción en el campo curricular.

Palabras clave: curricularización de la extensión universitaria; cine y educación; tecnologías digitales; curso de extensión.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda as práticas pedagógicas de um Programa de Extensão Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) durante a pandemia de Covid-19. O programa tem como objetivo desenvolver experiências de iniciação ao cinema em escolas e hospitais públicos, procurando articular ensino, pesquisa e extensão em suas atividades. No entanto, a necessidade de isolamento social iniciada em março de 2020, devido à pandemia, tornou essa abordagem um desafio. Como consequência, o uso de tecnologias digitais se expandiu como alternativa possível para a continuidade das atividades educacionais.

Em circunstâncias presenciais, o grupo trabalha com edições periódicas de um curso de extensão voltado para estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes áreas do conhecimento, assim como professores, para, em seguida, criar experiências nas escolas de cinema estabelecidas pelo programa. As práticas pedagógicas estão

enraizadas na relação entre cinema e educação, adotando uma perspectiva que valoriza a igualdade de inteligências entre todos os envolvidos (Rancière, 2002). As dimensões do trabalho pedagógico partem da criação de espaços e tempos dedicados à produção e compartilhamento de filmes como "obras de arte e cultura" (Bergala, 2008), promovendo encontros entre a universidade e a educação básica, como uma oportunidade para exercícios de alteridade. Essa abordagem representa algumas possibilidades para uma Pedagogia da Criação (Bergala, 2008). Através do exercício ver-rever-transver (Barros, 2016; Fresquet, 2020), buscamos experimentar, coletivamente, nas diversificadas atividades de extensão universitária, alguns exercícios e experiências com o cinema.

Ao exibir filmes, oportunizam-se discussões curriculares, desde a educação básica à universitária, ampliando repertórios e produzindo aprendizagens compartilháveis em diversas esferas da vida (imaginativa, geográfica, estética, ética e política). Estabelecendo uma abordagem interdisciplinar, permite relacionar diferentes modos de leitura, releitura e descoberta com os filmes. Gabriel (2013), ao discutir as relações entre cinema-educação-currículo-cultura na educação básica, parte de uma leitura política cultural no campo do currículo, situando o cinema como um objeto de estudo em si mesmo e não como um instrumento de ilustração sobre algo. Já Antunes, Alves e Moraes (2020, p.194), ao discutir o "imperativo das imagens no nosso tempo", descrevem os desafios de uma inserção do cinema como parte do currículo dos cursos de licenciatura. Perspectiva que busca no trabalho pedagógico com o cinema, compreendê-lo "não como adereço ou suporte, mas, sim como linguagem que dá a saber alguma coisa". Também provoca, segundo os autores, "estranhamento por parte dos próprios estudantes", de acordo com as experiências que relatam na universidade na qual lecionam. Nos valem de reflexões que situam o currículo como lócus das práticas construídas com e entre os sujeitos, nas relações, ao articular os saberes produzidos nas experiências cotidianas, como proposta de trabalho da educação (Gomes; Gonçalves, 2015). E possibilitam reflexões, ao relacionar os diferentes currículos ao uso de tecnologias na educação. Se em circunstâncias de um trabalho presencial, o currículo da extensão universitária promove, na prática, o encontro entre a universidade e outras instituições - *prioritariamente públicas* - como possibilidade de produzir conhecimentos, durante a pandemia, o principal desafio do ensino superior encontrado foi **estabelecer quais rumos tomar com o trabalho extensionista**. Para Santos e Carvalho

(2020, p.6), a “pandemia da COVID-19 não só trouxe à tona as desigualdades sociais, econômicas e de acesso a bens materiais e imateriais”, apresentando uma segunda perspectiva, um tanto quanto otimista, sob a qual (...) “nos obrigou a nos reinventar, sob diversas maneiras e a partir de múltiplos suportes, e com isso nos fez produzir outras formas de viver a estética da existência, de dar sentido à vida, do viver confinado em rede.”

Ao propor alguns sentidos sobre o conceito de experiência, Larrosa (2002, p. 20) descreve o costume de "pensar a educação do ponto de vista da relação entre ciência e técnica ou do ponto de vista da relação entre teoria e prática". De uma noção de experiência como algo singular e irrepetível, no qual o saber não se coloca fora do sujeito. Sob o ponto de vista de relacionar as práticas pedagógicas à de pesquisa, levando-se em conta um caráter exploratório e aberto à análise das práticas e experiências produzidas. O campo exploratório desta investigação, portanto, concentra-se nas práticas virtuais desenvolvidas durante a pandemia. E que envolvem, geralmente, atividades pedagógicas em “plataformas computacionais acessadas via internet” (Almeida, 2021, p. 54). Conjunto de práticas que se ampliaram no período pandêmico, como possibilidade de produzir diferentes subjetividades.

Procuramos, ao longo da investigação, exercícios que nos levassem a observar, registrar e escolher fragmentos dos processos desenvolvidos. Compondo, assim, exercícios inspirados nas pistas do método da cartografia. Este método, representa a possibilidade de desenvolver uma pesquisa-intervenção (Passos; Barros, 2009), já que permite associar as experiências investigativas ao acompanhamento de processos (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), inclusive, demarcados por distintas temporalidades. Cabe destacar que uma importante característica desta investigação é a construção de um processo investigativo que relaciona diferentes tempos e espaços. Compondo uma investigação que articula os materiais produzidos em contexto pandêmico nas circunstâncias de virtualidade às propostas desenvolvidas no âmbito da curricularização da extensão universitária.

Nesse sentido, o processo investigativo deste estudo ocorre ao observar, posteriormente, os primeiros registros e esboços de um trabalho virtual não planejado. E se relacionam à contemporaneidade neste ano de 2023, momento, no qual, a partir de uma espécie de “retomada da normalidade”, após exatamente três anos, nos permitimos refletir

sobre as produções, desde o seu ensaio, aos modos de produzir e virtualizar as ações de um programa de extensão na pandemia. Dessa forma, voltamos nossa atenção para os materiais, buscando (re)inventar significados por meio da seleção e produção dos dados da pesquisa.

Nosso objetivo é gerar reflexões sobre as experiências pedagógicas que surgiram no cotidiano pandêmico, da qual permite narrar os processos desenvolvidos intermediados pelas tecnologias, o que inclui novas redes estabelecidas e a possibilidade de expandir os territórios além dos espaços e tempos tradicionais da educação. Destacamos o especial interesse em discutir a curricularização da extensão universitária e o uso de tecnologias digitais durante a pandemia, justamente apresentando alguns percursos de produzir práticas educativas remotas. Ponto de partida para a seguinte questão investigativa - **como as experiências pedagógicas virtuais extensionistas no período pandêmico podem contribuir para as discussões sobre o currículo do ensino superior na contemporaneidade?** Ou ainda, **que horizontes podemos enxergar pela frente, tendo em vista as ‘heranças’ deixadas pela pandemia?** Assim como nas distintas esferas sociais, no campo da educação, inevitavelmente o uso de tecnologias digitais se ampliou nos processos pedagógicos. Não estaríamos correndo o risco, enquanto professores/as, de nos “industriarmos” (Souza; Silva, 2021), frente às novas tecnologias digitais que se inserem, de maneira cada vez mais acelerada na vida? - Em tempos de inteligências artificiais, realidade aumentada e algoritmos que cada vez mais direcionam ao consumo e ditam as novas tendências contemporâneas, qual o nosso papel político enquanto docentes, frente aos desafios da educação no século XXI?

Em contrapartida, no longo período de isolamento social, foi o uso das tecnologias digitais que possibilitou (re)criar (em alguma medida) espaços de diálogo e reflexão para estudantes e professores, acompanhado do desafio de produzir “novas formas de aprender-ensinar em rede e para fazer-criar-partilhar juntos” (Santos; Carvalho, 2020, p. 7). Não como uma solução definitiva para os problemas, mas como uma alternativa para colaborar e criar outras formas de aprendizagem, nas tentativas de tornar os encontros possíveis, mantendo algum nível de interação e colaboração. Nos valem da noção de tecnologia apresentada por Rezende (2021, p. 376), como “algo fundamentalmente

dependente do humano, da criatividade humana”. Quais tecnologias atravessam, da modernidade à contemporaneidade, os processos educativos?

Este texto busca, portanto, discutir as inter-relações entre a curricularização da extensão universitária, o uso de tecnologias digitais e reflexões que surgem de um trabalho pedagógico em tempos de pandemia. Ao focalizar a curricularização da extensão universitária como campo de práticas, é possível destacar como objetivo central do artigo discutir o uso de tecnologias digitais em experiências universitárias durante a pandemia.

Durante a pandemia, as universidades tiveram que se adaptar rapidamente às novas condições e encontrar alternativas de continuar o trabalho pedagógico, integrando ensino, pesquisa e extensão. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por exemplo, a Resolução nº 02/2020 do Conselho de Extensão Universitária (CEU) estabeleceu normas para a extensão universitária, incluindo a utilização de tecnologias digitais. Além da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, emitida pelo Ministério da Educação (MEC), como documento que substituiu, durante a situação pandêmica, as aulas presenciais por remotas. Conjuntos de documentos que preveem o uso de plataformas virtuais, ferramentas de comunicação e metodologias ativas de ensino para a realização de atividades educativas. E mais recente, a Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023, instituiu a Política Nacional de Educação Digital (PNED) com o objetivo de expandir o acesso da população a recursos digitais no Brasil, além de estabelecer critérios e reflexões sobre o seu uso. Sobre a extensão universitária, o que se pôde observar foi a expansão de atividades remotas no período: oficinas, palestras, seminários, cursos de extensão e uso de redes sociais para divulgar atividades de caráter artístico, cultural e científico.

Como fundamentação de trabalho da extensão universitária, partimos da obra *Extensão ou Comunicação?* (2021), de Paulo Freire, na qual o autor discute as relações dialógicas-comunicativas com e entre os sujeitos, apresentando como condição central a horizontalidade nas relações e sua importância para os processos formativos. O autor apresenta a educação como gnosiológica, na qual "a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados" (*Ibidem*, 2021, p. 89).

2 CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO, TECNOLOGIAS DIGITAIS E PANDEMIA: QUAIS RUMOS TOMAR COM O TRABALHO PEDAGÓGICO?

O principal marco da curricularização da extensão é a Resolução nº 7, de dezembro de 2018, que “estabelece Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regulamenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014 - 2024 e dá outras providências” (Brasil, 2014, p. 1). E que ao tornar a extensão componente curricular obrigatório dos cursos de graduação, confere a esta uma importância política maior, uma vez que a torna uma atividade formativa. Conforme as diretrizes (Brasil, 2018), as atividades de extensão devem compor pelo menos 10% da carga horária total dos cursos de graduação e integradas às matrizes curriculares dos cursos.

Destacamos as resoluções adotadas pela UFRJ para a curricularização da extensão, buscando identificar as orientações quanto ao uso de tecnologias digitais, isto é, as Resoluções do Conselho de Extensão Universitária (CEU) nº 03/2020, nº 04/2020 e nº 05/2021. Documentos que estabelecem práticas curriculares relacionadas à extensão universitária, articulando perspectivas pré-pandêmicas, outras elaboradas durante o isolamento social aos dias atuais, nesta progressiva “retomada da normalidade” e os desafios sobre o que está por vir no campo da curricularização da extensão universitária. Assim, a análise destes documentos colabora para compreender os rumos na construção dos sentidos para a curricularização da extensão, o uso de tecnologias digitais e seu papel durante a pandemia.

2.1 Legislação brasileira relacionada a práticas pedagógicas virtuais

Na presente seção, selecionamos documentos que contribuíram significativamente para o entendimento da virtualização das aulas ocorrida durante a pandemia. Para essa finalidade, optamos por destacar a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, que estabeleceu a transição educacional e a substituição das aulas presenciais pelas virtuais. Tal documento foi fundamental para a implementação do ensino remoto emergencial no Brasil. Além disso, mais recente, a Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023, emerge como

reflexo do atual cenário educacional do país e uma possível herança de tempos pandêmicos. De forma geral, a Política Nacional de Educação Digital (PNED) busca contribuir para o avanço da sociedade brasileira em relação às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

2.1.1 Portaria nº 343, de 17 de março 2020

Este documento estabelece uma transição educacional durante a pandemia, ao dispor “sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19.” (Brasil, 2020, p. 1). Com a disseminação do vírus pelo país, as instituições de ensino precisaram se adaptar rapidamente para garantir a continuidade de suas ações. Embora sem maiores direcionamentos sobre o que ou como desenvolver práticas *online*, nas distintas fases do processo educativo formal. Esta portaria também autoriza a substituição de parte da carga horária presencial por atividades a distância, a fim de garantir que os estudantes possam cumprir seus objetivos educacionais sem colocar em risco sua saúde e segurança.

2.1.2 Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023

Em 11 de janeiro de 2023, a Política Nacional de Educação Digital (PNED) foi instituída no Brasil com o objetivo de aprimorar e expandir o alcance das políticas públicas relacionadas ao acesso da população a recursos digitais. A PNED é composta por quatro eixos estruturantes, a saber: I. Inclusão Digital; II. Educação Digital Escolar; III. Capacitação e Especialização Digital; IV. Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) em Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) (Brasil, 2023, p.1). Esses quatro eixos são interdependentes e têm como objetivo fortalecer o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como instrumento para o desenvolvimento social e econômico do país. Além disso, há cinco estratégias prioritárias que visam promover competências digitais, midiáticas e informacionais por meio de ações de sensibilização, autodiagnóstico, treinamento, acesso a recursos digitais e certificação. Em conjunto, essas estratégias e

eixos buscam contribuir para o avanço da sociedade brasileira em relação às TICs e, conseqüentemente, impulsionar a inclusão digital.

2.2 Documentos da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Apresentamos alguns documentos que fizeram/fazem parte da realidade vivenciada pelo nosso grupo de extensão, em distintos momentos, nas “atividades acadêmicas e não presenciais”. Escolhemos as Resoluções do Conselho de Extensão Universitária nº 03, nº 04 e nº 05, que foram fundamentais para o planejamento, operacionalização e retorno das atividades presenciais da Extensão Universitária. Esses documentos forneceram orientações e diretrizes importantes para o nosso trabalho e contribuíram significativamente para a realização das atividades de forma segura

2.2.1 Resolução do Conselho de Extensão Universitária nº 03, de julho de 2020

A Resolução CEU nº 03/2020 da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é um documento que estabelece as normas e diretrizes para a oferta de atividades acadêmicas não presenciais durante o período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, devido à pandemia de Covid-19. A resolução aborda pontos essenciais como a obrigatoriedade e a qualidade das atividades, bem como a importância do acompanhamento e avaliação constante do processo de ensino-aprendizagem. Esses aspectos visam garantir a continuidade das atividades acadêmicas em um período de incertezas e mudanças abruptas, sem prejudicar o desempenho dos estudantes e mantendo a qualidade do ensino. A resolução é uma medida importante e necessária para a adaptação das instituições de ensino superior aos desafios impostos pela pandemia, buscando minimizar seus impactos negativos na formação dos estudantes e na qualidade do ensino.

A Resolução CEU nº 03/2020 da UFRJ foi importante para normatizar as atividades não presenciais durante a pandemia e garantir a continuação da extensão universitária. É essencial incluir a extensão nos planos de contingência para manter a qualidade das atividades acadêmicas em tempos de crise.

2.2.2 Resolução do Conselho de Extensão Universitária nº 04, de agosto de 2020

Esta resolução fornece procedimentos para a continuidade das atividades de extensão durante a pandemia de Covid-19. Descreve que os coordenadores de atividades de extensão ativas preencham o "Formulário para a Validação de Ações de Extensão Ativas durante a Pandemia de COVID-19" para manter as atividades e a creditação durante o período de isolamento social devido à pandemia" (UFRJ, 2020). A resolução estabelece cronograma para a submissão e aprovação dos formulários e para a atualização de registros no sistema da universidade. Esta também afirma que as ações cujos coordenadores não submeterem o formulário ou não tiverem sua adequação aprovada até o final do período de submissão, teriam seu status alterado para "Suspensa".

2.2.3 Resolução do Conselho de Extensão Universitária nº 05, de novembro de 2021

Em conclusão, a Resolução CEU Nº 05/2021 da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) representa um importante marco no retorno das atividades de extensão presenciais na instituição. A decisão foi tomada com base no processo de vacinação em andamento e nas diretrizes estabelecidas pelos Grupos de Trabalho Multidisciplinares da UFRJ para a Covid-19 e Pós-Pandemia. Com a revogação das Resoluções CEU nº 03 e 04/2020, a UFRJ estabelece um plano gradual de retomada das ações de extensão, o que representa uma importante iniciativa para o fortalecimento das atividades de extensão na universidade e para a promoção do diálogo entre a academia e a sociedade.

3 UMA ABORDAGEM CARTOGRÁFICA EM TORNO DO CURSO DE EXTENSÃO: EXPERIÊNCIAS AUDIOVISUAIS COM A PRODUÇÃO DE FILMES NA PANDEMIA

Virgínia Kastrup (2007, p. 18), ao situar a produção inventiva da pesquisa pelo método da cartografia, descreve que o campo de pesquisa seja explorado de forma aberta e sem foco. No contexto desta investigação, partimos de experiências na pandemia, tornando-as, no processo, dados da pesquisa. Materiais, que apresentam as "narrativas singulares dos estudantes" (...) e "narrativas curriculares e de aprendizagem" (Almeida,

2021, p. 73). Compõem-se pistas de um exercício de investigação pelo método da cartografia. Como uma pesquisa-intervenção, possibilita investigar o acompanhamento de processos (Pozzana; Kastrup, 2009) em diferentes espaços e tempos.

3.1 Rastreio

As práticas pedagógicas virtuais não planejadas, por si só, apresentam semelhanças com o momento do rastreio. Algumas pistas datadas por *e-mails* enviados para convocação do curso presencial e ações nas escolas, enviado em 11 de fevereiro e que depois se transformou em um convite para um curso virtual enviado em 14 de julho de 2020, ajudam a construir as narrativas de uma transição inesperada para um trabalho remoto. Possibilita um exercício de investigar algo, sem saber exatamente o quê, mas que se destacasse e se desse a conhecer, despertando e exigindo um modo de atenção aos registros criados no processo. Representa “entrar no campo”, em março de 2020, sem necessariamente apresentar um foco estabelecido. Circunstanciado por um isolamento social de “uma semana” e que se estendeu significativamente. **O que produzimos enquanto programa de extensão no período?** Esse momento se inicia ao acaso, ao observar registros sobre as experiências no período pandêmico, em meados de 2022.

3.2 Toque

Nos aproxima de olhar de modo mais atento aos registros da prática como produção de “dados de pesquisa”. Momento de assumir os possíveis contornos investigativos na relação entre pesquisador e os materiais produzidos. Representa o momento em que a atenção provoca uma pausa no movimento. Aqui, argumentamos a necessidade de um distanciamento em relação aos materiais observados no ponto anterior. Isto é, um afastamento momentâneo que nos permita retomar, no momento oportuno, ao encontro com os materiais produzidos e atuar na produção de dados de pesquisa, observando, elegendo e organizando o que surgiu da experiência. Fato este, que só teve início em fevereiro de 2023 provocado pelas inquietações deste dossiê, ao inter-relacionar currículo e as tecnologias. Ao observar os materiais, identificamos que **as**

práticas de virtualização desenvolvidas pelo programa compreendem as seguintes ações: o curso de extensão, uso de redes sociais: *facebook*, *instagram* e *youtube*, além de gestão administrativa do *website*.

3.3 Pouso

Este momento, é definido por Kastrup como a variedade da atenção na qual ocorre uma mudança de escala e a percepção se reconfigura. Variedade da atenção, que numa metáfora, a autora descreve como se acionássemos o *zoom* de uma câmera, de modo que o campo que visualiza se fecha, formando um novo território de visualização e, assim, reconfigurando o campo de observação (Kastrup, 2007). Trata-se, a nossa compreensão, de um "primeiro encontro" com os dados produzidos, lançando algumas questões iniciais e procurando refletir em diálogo com autores que permitam uma construção inicial da investigação. Trata-se do movimento de invenção, de uma escolha de um ponto de partida que sugere a questão a ser investigada, além de referenciais e inspirações do percurso investigativo. **Neste momento elegemos o curso de extensão como lócus de investigação, porque acreditamos que seja o momento propício para o estudo de práticas pedagógicas digitais durante a pandemia, o que envolve investigar os seguintes materiais: transcrição de aulas, observação de e-mails e de Minutos Lumière produzidos.**

3.4 Reconhecimento atento

O quarto gesto, nos reconduz ao objeto para destacar seus contornos singulares (Kastrup, 2007). Portanto, representam o conjunto de reflexões que surgem da experiência investigativa com a virtualização das ações do programa, incluindo-se o curso de extensão. E que ao apresentar os 'contornos singulares' dentre as práticas pedagógicas estabelecidas, representa uma alternativa de produzir uma pesquisa inventiva. Procuramos, no percurso da investigação, apresentar o conjunto de materiais reunidos ao longo do processo e reflexões que se originaram desse encontro. **Do conjunto de materiais relacionados ao Curso de extensão, quais reflexões emergem sobre uso de tecnologias em experiências com estudantes do ensino superior no período pandêmico?**

4 CURSO DE EXTENSÃO VIRTUAL: MINUTO LUMIÈRE NA PANDEMIA

No curso, o cinema relacionado à educação, emerge como possibilidade de transgressão do modelo de educação vigente: o de transmissão; inclusive em práticas virtuais. Defendemos este ponto de vista sob a presença do cinema enquanto tecnologia digital que amplia as perspectivas de criação e de alteridade, revela sempre a possibilidade de aprender algo novo e que não necessariamente é inserido como complementação ou explicação de determinado “conteúdo programático”.

Todas as ações de formação docente, de práticas nas escolas de cinema e extensionistas do programa, supõem uma série de exercícios de iniciação ao cinema que resultaram dos aprendizados que vamos realizando a cada novo projeto, em cada novo contexto. Para esta experiência virtual, optamos por desenvolver um trabalho a partir do exercício do Minuto Lumière. Justamente por sua simplicidade, ao mesmo tempo em que remete às experiências iniciais do cinema. Fresquet (2017, p. 81) descreve a prática do Minuto Lumière como:

o processo de "projetar alguns minutos dos Irmãos Lumière e logo partir para filmar como eles. Isto é, fazendo de conta que nossas câmeras, celulares ou filmadoras têm a limitação do cinematógrafo, e registrar entre 50 e 60 segundos escolhendo cuidadosamente o enquadramento, dado que não haverá edição posterior.

O Minuto Lumière é uma prática audiovisual idealizada por Nathalie Bourgeois e Alain Bergala, da Cinemateca Francesa. Essa experiência foi trazida para o Brasil pela professora Núria Aidelman da Universitat Pompeu França, em 2007, na ocasião do I Encontro Internacional de Cinema e Educação da UFRJ. É um exercício inspirado nas Vistas *Lumière* - a partir da invenção do cinematógrafo - em 1895. Por sua vez, o cinematógrafo é um dispositivo de gravação e projeção de imagens, uma pequena caixa de madeira que ao girar uma manivela com rolo de filme, grava imagens em movimento com a duração de no máximo 55 segundos e, também, permite projetá-las. O cinematógrafo, isto é uma nova tecnologia da época (Rezende, 2021), chega ao Brasil através dos irmãos Affonso Segretto e Paschoal Segreto, em 1987 (Heffner, 2014). Segundo Souza e Silva (2021, p. 8), "o uso pedagógico do cinematógrafo no Brasil tem presença identificada já em 1899, em registro

da Escola Normal do Estado do Maranhão". As autoras apresentam um estudo sobre a presença e circulação do cinematógrafo em escolas brasileiras, descrevendo intencionalidades pedagógicas vigentes, sob os preceitos de proximidade com a modernização industrial. Perspectiva, segundo a qual, supostamente as inovações "contribuíram com a reorganização e aceleração dos modos de aprender e ensinar" (Souza; Silva, 2021, p. 3). Como anunciava Avelino de Almeida no texto: "«Do cinema educativo no Brasil também há alguma coisa...», publicado em Lisboa, na *Revista Cinéfilo*, edição de 26.03.1932, era necessário industrializar os professores (no sentido de ensinar e induzir) acerca dos melhores tipos de aparelhos (Souza; Silva, 2021, p. 1). A presença de artefatos ópticos, movidos a eletricidade, com estruturas mecânicas como as do cinematógrafo, criará um campo dedicado à formação tecnológica do professor, já que, ensinar com determinado artefato mobiliza outra prática técnica. Quando Almeida (1932) denomina essa formação como industrializar os professores, o faz em momento posterior à Exposição de Cinematografia Educativa (1929) ocorrida no Distrito Federal. O autor considera tal exposição, como elemento de uma Reforma Educacional, que para ele não ficará no papel. A atenção de Almeida (1932) ao termo industrializar, aparece também posteriormente, quando no Distrito Federal, entre 1930 a 1934 existiam Editais de convocação para a formação de professores para o manejo dos cinematógrafos. A chamada para a formação ocorria de acordo com o "tipo/marca" de projetor em cada escola que o professor trabalhava.

Em contrapartida, quase um século após a chegada do cinematógrafo às escolas brasileiras, outras tecnologias digitais vêm se inserindo no contexto educativo, em vertiginosa crescente desde a pandemia. Contexto em que:

As atividades pedagógicas passaram a se desenvolver com suporte em plataformas computacionais acessadas via internet, como *Moodle*, *Teams*, *Zoom*, *Google Meet* e outras, fazendo uso de diferentes metodologias e recursos para desenvolver o currículo das disciplinas de distintos cursos e áreas de conhecimento, segundo os estilos e preferências de cada docente (Almeida, 2021).

Como evitar o risco de não nos "industriarmos" ao estabelecer práticas pedagógicas virtuais? Considerando o contexto da pandemia de Covid-19, tivemos a oportunidade de ampliar o alcance do curso de extensão, com o uso da internet. Levando-se em conta os princípios sobre a educação *online*, discutidos por Santos e Carvalho (2020). A mediação dos encontros foi realizada por estudantes bolsistas de extensão para

estudantes, com a orientação da professora coordenadora do projeto. Realizados pelo *Google Meet* e gravados, com carga horária total de 12 horas, sendo 8 horas distribuídas em quatro encontros síncronos e/ou assíncronos. A proposta foi marcada pela exibição de filmes, reflexões e discussões. Além de 4 horas dedicadas ao estudo dos materiais, que inclui materiais em texto e vídeo, disponibilizados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), como proposta complementar do curso. Procuramos produzir experiências relacionando duas tecnologias de épocas distintas: o cinematógrafo e *smartphones*.

Esta edição do curso passa a contar com a participação de estudantes de diversos centros da UFRJ, enriquecendo significativamente as atividades de extensão, ampliando as discussões a uma esfera interdisciplinar. Dos 31 estudantes inscritos na Extensão Universitária no período letivo de 2020.2, participaram desta edição do curso 15 estudantes.

Quadro 1 - Etapas do Curso de Extensão

(continua)

Pré-produção	Produção	Pós-produção
julho a setembro/2020	outubro a novembro/2020	dezembro/2020
Curadoria de filmes - critérios pedagógicos, estéticos, éticos e políticos	Encontros realizados	Apresentar os resultados: número de pessoas que participaram, desafios e problemas enfrentados durante o curso.
Escolha de quais plataformas virtuais utilizar e disponibilizar o Kit de Referências	Exibição de filmes	Emissão dos certificados para cada participante que alcançou frequência igual ou superior a 75% das aulas.
Elaboração de formulário	Produção de minutos <i>lumière</i> .	Avaliar com a equipe de bolsistas o plano de curso
E-mails enviados na época com objetivo de avaliar as expectativas dos estudantes	Discussões, reflexões e ideias sobre e para os filmes produzidos	Avaliar com a equipe de bolsistas os formulários

Quadro 1 - Etapas do Curso de Extensão

(conclusão)

Pré-produção	Produção	Pós-produção
julho a setembro/2020	outubro a novembro/2020	dezembro/2020
Whatsapp para contato direto e imediato	Exercício do “Ver, Rever e Transver” foi um processo por quais todos foram convidados a refletir	Disponibilizar os filmes produzidos na experiência
Conteúdo do curso disponibilizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem	Exibir as produções realizadas.	Avaliação do curso.

Fonte: Moraes, Fazolo, Fresquet (2020).

4.1 Pré-produção

A Pré-produção a qual estamos nos referindo inclui a escolha de filmes para exibir, elegendo seus critérios, quais plataformas virtuais utilizar, produzir formulários avaliativos, além de estratégias de comunicação interna, que envolvem contatos por *Whatsapp* e *e-mail*, com os participantes. A seleção de filmes através de critérios pedagógicos, estéticos, éticos e políticos, é composta por Minutos Lumière.



Figura 1 - Frames de algumas das Vistas Lumière exibidas

Fonte: Irmãos Lumière (1895 -1903).

NOTA: “Chamou minha atenção neste minuto. Eu gostei do posicionamento da câmera, achei legal. Acho que também se relaciona com aquela última aula que tivemos dos Minutos Lumière [...]”.

O objetivo geral do curso de extensão é produzir experiências com Minutos Lumière, pelo exercício do Ver, Rever e Transver os filmes exibidos. E, como objetivos específicos: (1) apresentar os objetivos e diretrizes do Curso; (2) apresentar as plataformas digitais utilizadas; (3) Flexibilizar horários através de práticas assíncronas; (4) introduzir as Vistas Lumière e o Cinematógrafo; (5) Ver, Rever e Transver os filmes; (6) Produzir Experiências pela prática do exercício do Minuto Lumière.



Figura 2 - Imagens da I Mostra Mirim de Minutos Lumière (2008)

Fonte: Acervo CINEAD, 2008.

NOTA: “Eu vejo uma narrativa muito clara ocorrendo aí nessa cena do cotidiano. Imagino que também não foi ensaiado isso. Deve ter sido uma pessoa que simplesmente em meio ao show ela viu essa cena e apontou a câmera e filmou”



Figura 3 - Frames do filme *Lumière & Cia*

Fonte: Filme dirigido por Abbas Kiarostami Alain Corneau (I) Andrey Konchalovskiy Arthur Penn Bigas Luna Cédric Klapisch Claude Lelouch Claude Miller (I) Costa-Gavras David Lynch (I) Fernando Trueba Francis Girod Gabriel Axel Gaston Kaboré Helma Sanders-Brahms Hugh Hudson Idrissa Ouedraogo Ismail

Merchant Jaco Van Dormael Jacques Rivette James Ivory Jerry Schatzberg John Boorman Lasse Hallström Liv Ullmann Lucian Pintilie Merzak Allouache Michael Haneke Nadine Trintignant Patrice Leconte Peter Greenaway Raymond Depardon Régis Wargnier Sarah Moon Spike Lee Theodoros Angelopoulos Vicente Aranda Wim Wenders Yoshishige Yoshida Youssef Chahine Zhang Yimou (1995).

NOTA: “[...] Esses minutos são diferentes, não muito diferentes, mas relativamente diferentes do que era feito pelos irmãos Lumière. É porque foi criado uma espécie de dispositivo, né? Os irmãos Lumière procuravam, não em todos os seus filmes, mas em grande parte deles, filmar cenas do cotidiano. E mesmo quando eles usavam atores ou pessoas fingindo algumas situações, era no sentido de ser espontâneo, de representar alguma coisa do cotidiano”.

Todo o material do curso foi disponibilizado em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) no *website* do programa. Foi também disponibilizado ao público o que nomeamos por *Kit de Referências*. Isto é, os filmes exibidos ao longo do curso, leituras que consideramos inspiradoras para as nossas práticas nas escolas e materiais relacionados a cada encontro.

4.1.2 Produção

Na proposta de curso, apresentamos um conjunto **Vistas Lumière** como inspiração e referência aos estudantes, três pastas que compõem esse Kit de Referências, organizadas de acordo com os seguintes critérios: (1) as Vistas Lumière clássicas, produzidas pelos irmãos Lumière e seus operadores; (2) Filmes de escolas de cinema e projetos educativos; e (3) *Lumière e Companhia*. Antunes, Alves e Moraes (2020, p. 194) descrevem que “a escola e a universidade são lugares propícios para acesso a filmes que estão fora de certo circuito comercial e midiático”. Dessa forma, exibir filmes que geralmente estão fora do circuito comercial e dos modos de produção hegemônicos da indústria cinematográfica representa uma forma de ampliar repertórios artísticos e culturais, por diferentes apelos estéticos e tempos dramáticos. O fundamental é poder equilibrar o reconhecimento da cultura audiovisual que docentes e discentes portam com exercícios breves que possam dar visibilidade a filmes do gosto de todas as pessoas participantes mas, ao mesmo tempo, ampliar e garantir a possibilidade da exibição dos filmes mais difíceis de acessar. Assim, assistir é sempre um ver, rever e transver (Fresquet, 2020). Inspirada no poeta Manoel de Barros, que afirma: *O olho vê, a memória revê e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo!* E na Hipótese-cinema de Alain Bergala, esta metodologia procura desenvolver modos de ver cinema envolvendo a atenção, a

memória e a imaginação. No curso, exibimos curta-metragens e/ou fragmentos de filmes, disponibilizando um tempo para que fossem assistidos ao menos três vezes.

Na primeira, de modo mais ingênuo ou espontâneo, deixando que as/os estudantes realizem a experiência de ver e sentir o contato com as imagens. Imediatamente fizemos um compartilhamento dessa experiência, focando nas imagens e nos sons mais do que em sentimentos, críticas ou outras possibilidades de leitura de imagem. Na segunda vez, solicitamos prestar atenção para o que não viram ou ouviram na primeira vez e novamente, compartilhamos. E, na terceira, pedimos para contar os planos e para escolher um para imaginar outras escolhas diferentes das que o/a diretor/a fez, orientando as possibilidades para os elementos da linguagem cinematográfica (luz, paleta de cores, altura da câmera, tipo de plano, movimento da câmera etc.).

Para Rezende (et. al., 2015) o gesto de assistir coletivamente aos filmes se traduz nas possibilidades de aprender com eles. Estudantes e professores, como espectadores, que partilham experiências de vida e conhecimentos que estão para além dos espaços educativos. A presença do cinema e do audiovisual se relaciona a características que estão além do controle do professor e que, em geral, não são de seu conhecimento. Ao **exibir filmes** procuramos que a experiência cinematográfica proporcione aos espectadores a liberdade de interpretar o que é visto e sentido na tela, gerando conexões e caminhos próprios (Rancière, 2012). Essa vivência sensível com o cinema é uma importante alternativa para a criação, resistência e emancipação (Rancière, 2002), como potencial educativo.

O curso permitiu afazer antes da prática: o desafio - **o que podemos filmar a partir de nossas casas?** - janelas, portas e telas, são algumas das inúmeras possibilidades que surgem das discussões iniciais. - **Mas de que maneira filmá-los?** - A escolha e disposição dos elementos que compõem o enquadramento e dos sons são critérios de extrema importância e devem ser pensados e imaginados previamente. Como os filmes foram gravados dentro das casas dos estudantes, produziram-se experiências que materializam, em aproximadamente um minuto, situações que não se repetirão e demarcam os espaços e tempos de um cotidiano pandêmico.



Figura 4 - Frame do filme produzido durante o curso por uma participante
Fonte: Acervo CINEAD (2020)

NOTA: “Achei muito interessante que ela não estava exatamente lavando louça, mas sim lavando os produtos que provavelmente chegaram do mercado. Esse tipo de ação só é possível ter sido gravado em tempos de pandemia”.

Este exercício desafia o gesto de observar o cotidiano a partir de um outro olhar, como possibilidade de criação, em meio à pandemia, estabelecendo outras relações com as nossas próprias casas. A passagem ao ato, ou gravação dos filmes, é somente uma parte do processo de criação dos exercícios. Ao **fazer filmes** os estudantes experimentam a produção audiovisual de forma prática, sendo desafiados a produzir seus Minutos Lumière. No processo de filmagem, como escolha de enquadramento, pelos movimentos de escolha, disposição e ataque (Bergala, 2008).



Figura 5 - Frames de filmes produzido durante o curso por uma participante

Fonte: Acervo CINEAD (2020).

NOTA: “Uma coisa que me chamou bastante atenção, tanto no minuto da participante quanto no da maioria dos exibidos antes de produzir, foram os sons. Eu gosto muito de ouvir os sons do cotidiano em vídeos onde as imagens ficam fixas. Então, aquilo que achei engraçado, foi que eu pensei que a cantora da participante fosse proposital, mas depois ela disse que não era e isso foi bem legal. E da participante também, a relação do som e como às vezes ele dá mais significado do que a gente imagina, mesmo que não haja palavras, seja só o ritmo ou o barulho de alguma coisa”.

No final do processo, realizamos uma exibição dos filmes que foram criados aos estudantes envolvidos no curso. Através de uma proposta colaborativa e prática, buscamos promover um encontro entre educação e audiovisual como “experiência de cinema”. E ao **compartilhar os filmes** a experiência cinematográfica proporciona ao espectador-criador a liberdade de interpretar o que é visto e sentido na tela, gerando conexões e caminhos próprios (Rancière, 2012). Essa vivência sensível com o cinema é uma importante alternativa para a criação, resistência e emancipação (Rancière, 2002), com potencial educativo.

4.1.3 Pós-Produção

Com este curso de extensão, procuramos ampliar e democratizar o acesso a acervos e exercícios novos e clássicos, saberes e práticas específicas, que vinculam cinema e educação como proposta para produzir conhecimentos. Também, como

tentativa de abrir o diálogo com diferentes referenciais artísticos, políticos e culturais, num gesto afirmativo de compromisso social da universidade. A proposta do curso procura articular subsídios teóricos e artísticos para que os participantes experimentem o uso crítico e reflexivo do cinema em suas práticas pedagógicas. Isto é, exercícios de análise de filmes e experiências de criação de filmes de autoria dos estudantes - como por exemplo os filmes produzidos, a partir da casa de cada participante, que refletem a produção de Minutos Lumière em tempo de pandemia. Durante o curso de extensão, foram produzidos 26 filmes inspirados nos dos irmãos Lumière, como proposta prática do curso. Ao término do curso, cada extensionista que participou de 75% dos encontros e realizou a prática do Minuto Lumière recebeu um certificado de conclusão do Curso de Extensão.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nos desafiamos, neste texto, a associar algumas das experiências acumuladas, principalmente nos anos de pandemia, para produzir discussões curriculares no campo da educação superior e experiências com o uso de tecnologias digitais. Reflexões que surgem de práticas pedagógicas realizadas em tempos de isolamento social, nos quais a utilização de recursos audiovisuais e tecnologias digitais foram importantes aliados, no sentido de superar algumas das dificuldades impostas, possibilitando manter a interação entre as pessoas. No campo da educação, destacamos a alternativa de “aproximar” professores e estudantes no processo de aprendizagem, procurando criar um ambiente de partilha, de colaboração.

Na contramão da lógica das plataformas de *streaming*, filmes e séries demarcados pela indústria cultural, procurando dar a ver algo das origens do cinema. E mais do que isso, apresentando aos estudantes-espectadores o desafio de produzir seu próprio filme. Em tempos nos quais a experiência estética é cada vez mais empobrecida, visto que o tempo da atenção e da fruição está em detrimento às lógicas empregadas pelos conglomerados que movimentam o capitalismo da vigilância e da informação, e consequentemente, pelo consumo a ela atribuída. Nos currículos, desde a educação básica ao currículo do ensino superior, o uso do cinema é um meio eficaz para despertar a atenção dos estudantes, além de representar importante alternativa para abordar temas

relevantes e complexos, como por exemplo, as diversidades sociais, históricas, étnicas e culturais.

A investigação dos relatórios do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileira (FORPROEX) representa importante fonte documental para compreender e refletir sobre os percursos da extensão universitária no Brasil. Nos valem os documentos para aprofundar os princípios, fundamentos, procedimentos e políticas para o planejamento, gestão e avaliação de Instituições de Ensino Superior (IES) em todo o país, inclusive as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. No âmbito da UFRJ, a concepção de extensão como processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade. Processo do qual procuramos relacionar as experiências com as práticas pedagógicas virtuais. Também, de uma análise em torno da legislação vigente, identificando a necessidade de estudos que aprofundem a recém-instituída Lei nº 14.533.

Ao longo de todo o processo emergiram trocas entre os estudantes, questões teórico-metodológicas, conceituais e estéticas, como é possível observar durante o processo cartografado. As mídias digitais, nesse sentido, foram as formas que encontramos para fortalecer os laços e relações entre os estudantes de graduação matriculados no programa durante a pandemia, visando um processo formativo para produzir experiências na educação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Avelino de. “Do cinema educativo. No Brasil também há alguma coisa” *Revista Cinéfilo*, Lisboa, 26.03.1932.
- BARROS, Manoel. **Livro sobre o nada**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: Pequeno tratado de transmissão do Cinema dentro e fora da Escola. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE, 2008.
- BRASIL. **Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023**. Institui a Política Nacional de Educação Digital e altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), 9.448, de 14 de março de 1997, 10.260, de 12 de julho de 2001, e 10.753, de 30 de outubro de 2003. Brasília: Presidência da República, [2023]. Disponível

em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14533.htm. Acesso em: 21 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução Nº 7 de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regulamenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014 que aprova o Plano Nacional de Educação-PNE 2014-2024 e dá outras providências. Diário Oficial da União, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/prt/portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm. Acesso em: 20 mar. 2023.

DE REZENDE FILHO, Luiz Augusto Coimbra *et al.* Contribuições dos estudos de recepção audiovisual para a educação em ciências e saúde. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 8, n. 2, p. 143-161, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/19825153.2015v8n2p143>. Acesso em: 06 set. 2022.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Porto Alegre: UFRGS/Pró-Reitoria de Extensão, 2012. Disponível em: http://www.proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document//Politica_Nacional_de_Extensao_Universitaria_-FORPROEX-2012.pdf. Acesso em: 01 mar. 2022.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Indissociabilidade Ensino–Pesquisa–Extensão e a Flexibilização Curricular: uma visão da extensão**. Porto Alegre: UFRGS; Brasília: MEC/SESU, 2006. (Coleção Extensão Universitária, v. 4). Disponível em: https://www.uemg.br/downloads/indissociabilidade_ensino_pesquisa_extensao.pdf. Acesso em: 01 mar. 2022.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Documento Final do I Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – 1987**. In: GARRAFA, Volnei. Extensão: a universidade construindo saber e cidadania; Relatório de atividades 1987/1988. Brasília: Ed. UnB, 1989. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2022.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação**: Reflexões e experiências com estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FRESQUET, Adriana. Princípios e propostas para uma introdução ao cinema com professores e estudantes: a experiência do CINEAD/UFRJ. In: BARBOSA, Maria Carmen

Silveira; SANTOS, Maria Angélica (org.). **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014. p. 68-85.

FRESQUET, Adriana. Ver-rever-transver: una aproximación a los motivos visuales del cine y al plano comentado, entre otros modos de ver cine en la escuela. **Saberes y prácticas. Revista de Filosofía y Educación**, v. 5, n. 2, p. 1-19, 2020. Disponível em: <http://portal.amelica.org/ameli/journal/386/3862147005/html/>. Acesso em: 21 mar. 2023.

GABRIEL, Carmem Teresa. Currículo e Cinema na Educação básica: reflexões sobre uma articulação discursiva possível. In: FRESQUET, Adriana Mabel et al. **Currículo de cinema para escolas de educação básica**. 2013. Disponível em: http://www.educacao.fe.ufrj/cultura/livros-digitais/AdrianaFresquet_2013b. Acesso em: 27 nov. 2022.

GOMES, Elizabeth Xavier; GONÇALVES, Teresa Nico Rêgo. Trabalho da educação: ação humana, não produtividade e comunidade. **Interacções**, v. 11, p. 24 - 46, 2015. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/27869/1/GomesGon%c3%a7alves%202015%20Artigo.pdf> Acesso em: 23 mar. 2023.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & sociedade**, v. 19, p. 15-22, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228351998_O_funcionamento_da_atencao_no_trabalho_do_cartografo. Acesso em: 19 mar. 2023.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 19, p. 20-28, jan-abr, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2022.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**, v. 1, 2009. p. 17-31. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6828599/mod_resource/content/3/Pistas%20do%20metodo%20da%20cartografia%201_Livro.pdf#page=17 Acesso em: 15 mar. 2023.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

POZZANA, Laura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V. e ESCÓSSIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica; 2002.

REZENDE, Luiz Augusto. Trajetória de pesquisa sobre cinema e educação por meio do conceito de endereçamento. *In*: LEITE, Cesar; OMELCZUK, Fernanda; REZENDE, Luiz Augusto (org). **Cinema-Educação: políticas e poéticas**. Rio de Janeiro: Macaé, 2021.

SANTOS, Edmea; CARVALHO, Felipe. Atos de currículo emergentes na educação online. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 2, p. 01-12, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/53859/34676>. Acesso em: 28 mar. 2023.

SILVA, Thiago dos Santos Antunes da; ALVES, Karina Mirian da Cruz Valença; MORAES, Maria Thereza Didier de. Cinema-experiência e os encontros da imagem com a educação. **Revista Reflexão e Ação**, v. 28, n. 2, p. 193-208, 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14431/pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

SOUZA, Luani Liz de; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Industrializar o professor: uma cartografia dos cinematógrafos no Brasil (1910 a 1930). **Cadernos de História da Educação**, v. 20, p. 1-19, 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/che/v20/1982-7806-che-20-e026.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Conselho de Extensão Universitária. **Resolução nº. 03, de 08 de julho de 2020**. 2020. Resolução da Extensão Universitária na UFRJ. Disponível em: https://xn--extenso-2wa.ufrj.br/images/CEU/RESOLUCOES/CEU_resolucao_03_aprovada_em_08jul2020.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Conselho de Extensão Universitária. **Resolução nº. 04, de 24 de agosto de 2020**. Resolução da Extensão Universitária na UFRJ. Disponível em: https://xn--extenso-2wa.ufrj.br/images/CEU/RESOLUCOES/resolucaoCEU_04_2020_aprovada_em_24ago2020.pdf. Acesso em: 22 mar. 2023.

UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Conselho de Extensão Universitária. **Resolução nº. 05, de 30 de novembro de 2021**. Resolução da Extensão Universitária na UFRJ. Disponível em: https://xn--extenso-2wa.ufrj.br/images/CEU/RESOLUCOES/resolucao_CEU_aprovada_em_22nov2021_retor_no_presencial.pdf. Acesso em: 24 mar. 2023.

UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Conselho Universitário. **Resolução nº. 02, de 9 de março de 2020**. Regulamento da Extensão Universitária na UFRJ. Disponível em: <https://xn--extenso-2wa.ufrj.br/images/CEU/RESOLUCOES/BUFRJ---Regulamento-da-Extensao.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020

NOTAS:

¹ Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio.

² Os autores agradecem à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), pelo apoio.

³ Os autores agradecem à Pró-reitoria de Extensão Universitária da UFRJ (PR-5/UFRJ), pelo apoio.

⁴ As legendas das figuras são falas de transcrição dos encontros síncronos realizados

⁵ *Vistas Lumière Clássicas* - Filmes dos irmãos Lumière e seus operadores, *Escolas de Cinema* - Filmes produzidos em escolas e em contextos educativos e *Lumière e Companhia* - Na ocasião do centenário do cinematógrafo, 40 famosos diretores produziram *Vistas Lumière* nas mesmas condições que os irmãos Lumière.

Recebido em: 21/02/2023

Aprovado em: 19/01/2024

Publicado em: 23/12/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.